

Paleopatologia: dos primórdios à perspectiva biocultural

SANTOS, Ana Luísa

Departamento de Antropologia e Centro de Investigação em Antropologia
e Saúde, Universidade de Coimbra

PALESTRA

E-mail alsantos@antrop.uc.pt

Resumo A identificação de patologias em ossos de fauna fóssil começa a ser esboçada nos séculos XVI-XVIII reflectindo, nalguns equívocos, as correntes criacionistas da época e o desconhecimento da anatomia das espécies. O neologismo, paleopatologia, surge em 1892, com R. W. Shufeldt. O século XIX e o início do século XX são particularmente profícuos para as ciências e, também, para a paleopatologia. Na Europa, nas Américas e em África / Egipto os investigadores querem conhecer a antiguidade dos povos, as suas diferenças anatómicas e culturais. Os desenvolvimentos técnicos são aplicados à paleopatologia. É neste contexto que Armand Ruffer publica, nas décadas de 1910/1920, vários trabalhos que, pela diversidade temática e inovação, impulsionam a disciplina, conferindo-lhe o cognome de pai da paleopatologia. Com Hooton, em 1930, começam os estudos populacionais, mas é nas décadas de 1960/1970 que surgem os modelos paleoepidemiológicos, sucedidos por projectos interdisciplinares que produziram avanços tremendos na disciplina. A perspectiva biocultural entretanto despontada continua a evoluir até à actualidade. Diversificam-se as abordagens às doenças do passado e convocam-se novas metodologias e áreas científicas. Nos primeiros anos do século XXI, o caminho da paleopatologia só parece prosperar se multinacional e multidisciplinar.

Palavras-chave História; Metodologias; Portugal.